

ANO 9 • N° 177

02 DE MARÇO DE 2023

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014

An aerial photograph of a large icebreaker ship, likely a Russian icebreaker, sailing through a dense field of sea ice. The ship is white with a blue hull and a red funnel. It is leaving a dark trail of open water behind it. The ice is broken into small, irregular floes. The sky is overcast and grey.

**Um ano de conflito russo ucraniano:
novas ambições no Ártico**

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 177 • 02 de março de 2023

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Quebra-gelo russo no Ártico](#)

Por: NASA

Fonte: STRIFE

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Matheus Ribeiro de Paula (UERJ)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Isabela Sússekkind Rocha Torres (PUC-Rio)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Gustavo da Hora (UFRJ)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Júlia Elias Teodoro Santos Pereira (UFRJ)
Luís Filipe de Souza Porto (UFABC)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
Dominique Marques de Souza (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)



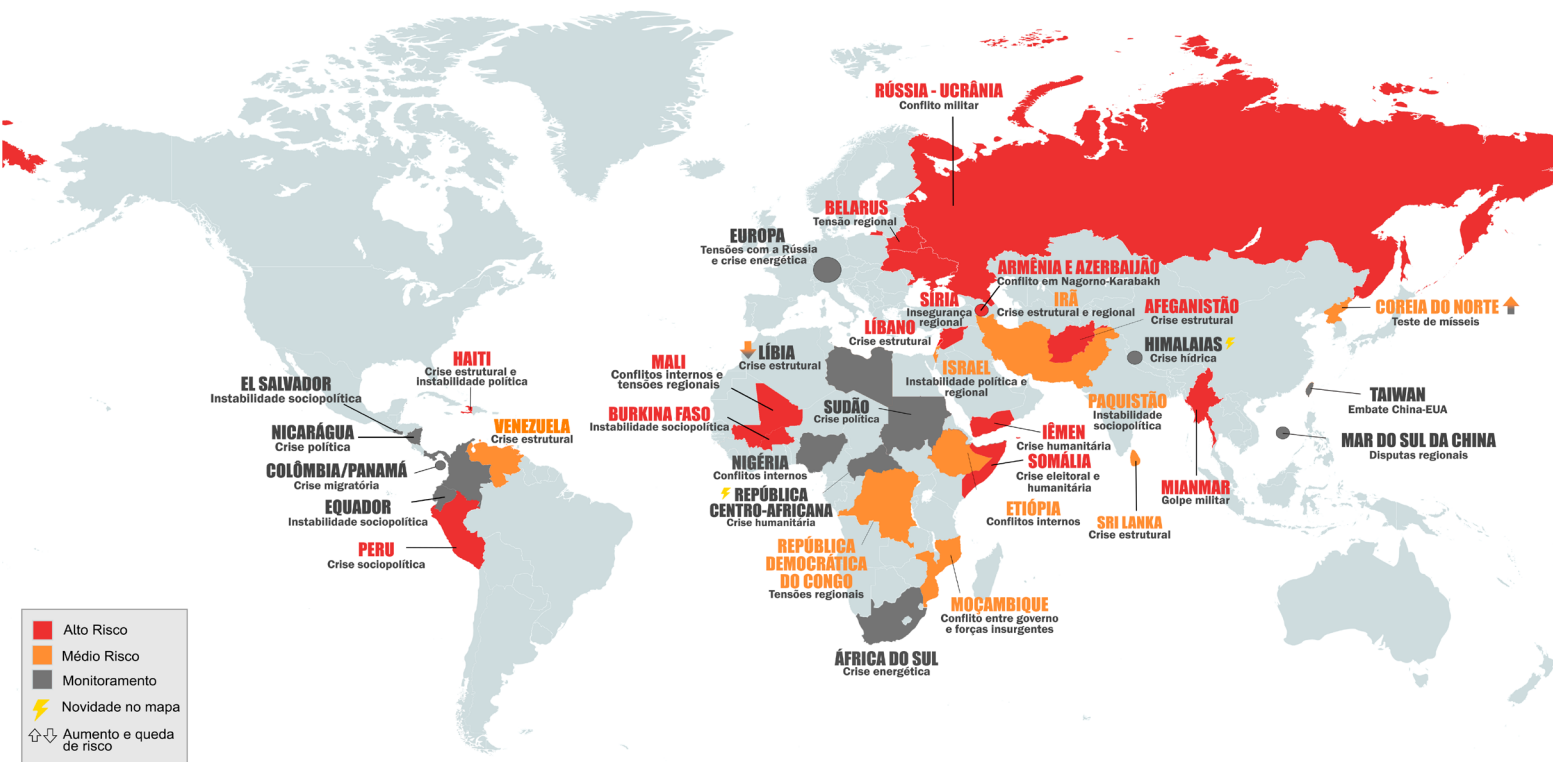
SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Novo acordo de livre comércio sino-uruguaio: implicações para a estabilidade regional.....	5	Japão e Filipinas: Estreitando Relações	12
		O novo salto tecnológico do programa de drones da China	13
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
Entre o local e o multinacional: a atividade pesqueira ilegal na Centroamérica	6	Ambições chinesas no Afeganistão: um vácuo a ser preenchido?	13
		Investimento em tecnologia naval e o posicionamento indiano no Oceano Índico..	14
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
Seychelles: arquipélago afetado pela poluição marinha	7	Ambições e desafios da <i>Royal Thai Navy</i>	15
Por que o ESG na África é essencial à sustentabilidade do comércio marítimo? ...	8		
EUROPA		ÁRTICO & ANTÁRTICA	
Geopolítica da energia: Alemanha na corrida pelo lítio na América do Sul.....	9	Um ano de conflito russo ucraniano: novas ambições no Ártico	16
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA			
A mudança no tabuleiro do Oriente Médio: o novo protagonismo do Catar.....	10		
RÚSSIA & Ex-URSS			
O Corredor de Transporte Trans-Caspian e a indústria de urânio no Cazaquistão	11	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	17
		Calendário Geocorrente.....	17
		Referências.....	18
		Mapa de Riscos.....	19

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Luísa Barbosa



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 21.

Novo acordo de livre comércio sino-uruguaio: implicações para a estabilidade regional

Taynah Pires e Maria Eduarda Parracho

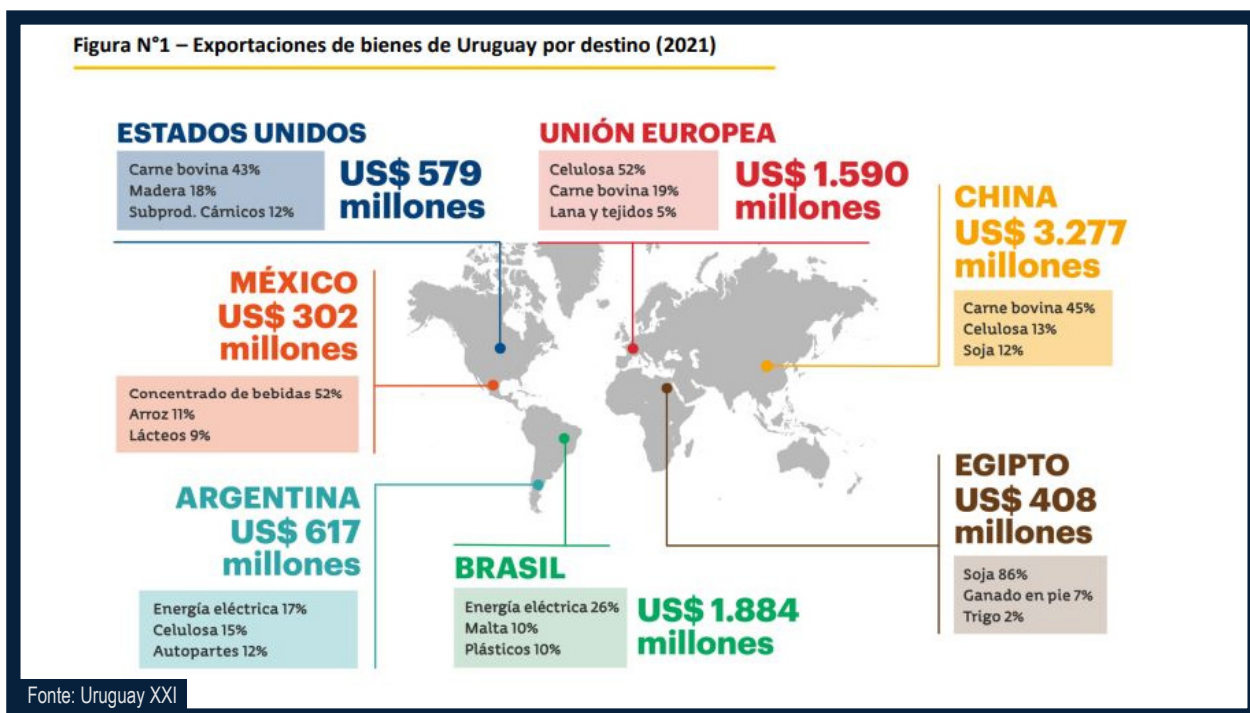
O Uruguai, um dos membros fundadores do Mercosul, é um Estado relevante para a economia e geopolítica da América do Sul. Entretanto, sua participação no bloco tem dificultado novos projetos econômicos do país, devido aos interesses do governo de Luis Lacalle Pou em buscar acordos para além do contexto regional, visando diversificar e ampliar parcerias econômicas. Em 24 de janeiro de 2023, durante a Cúpula da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), em Buenos Aires, o Uruguai reafirmou seu desejo em prosseguir com as negociações do Tratado de Livre-Comércio com a China ([Boletim 100](#)). Logo, faz-se necessário compreender quais são os possíveis impactos desse acordo.

O Mercosul propõe, através de uma lógica de união aduaneira, a integração regional sul-americana; entretanto, devido a questões burocráticas e intrínsecas às políticas econômicas de seus Estados-membros, nunca alcançou o pleno funcionamento de suas atribuições. Por isso, para Montevidéu, o Mercosul falha ao restringir as parcerias comerciais de seus países-membros, sobretudo as que visam o crescimento econômico. Ainda assim, a insistência uruguaia em prosseguir com o Tratado de Livre-Comércio desrespeitaria as diretrizes do bloco, o que promove tensões com a Argentina e o Brasil, que

desaprovam a decisão.

Para Pequim, os benefícios desse possível acordo são múltiplos, pois sua grande demanda por matérias-primas tornam o estreitamento dos laços com o Uruguai uma forma eficiente de ampliar seu mercado de *commodities*. Ademais, a China avança sua agenda política na região, para envolver a América do Sul em sua zona de influência. Porém, para o Uruguai os impactos podem ser controversos. Ainda que possuísse maiores facilidades de exportação, especialmente de sua agropecuária — algo que Montevidéu esperava do Mercosul — o país teria de importar mais produtos e serviços chineses. Isso pode provocar uma concorrência sem precedentes aos seus fornecedores locais para o mercado interno e um desequilíbrio de sua balança comercial.

Observa-se que um acordo entre China e Uruguai traria relativos benefícios para ambas as partes. Todavia, além da decisão abalar as relações sul-americanas, a falta de tarifas comerciais para os produtos chineses poderia causar a perda de competitividade das exportações uruguaias na região. Visando a estabilidade do bloco, os líderes do Mercosul defendem um acordo ambicioso, de abrangência regional, que combateria uma provável crise no mercado interno e evitaria um possível desgaste das relações entre os países sul-americanos.



Entre o local e o multinacional: a atividade pesqueira ilegal na Centroamérica

Isabela Sússekind

A pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN) representa uma ameaça à segurança marítima e ao bem-estar dos oceanos da América Central. Estima-se que a atividade seja responsável por perdas econômicas no espaço centro-americano, tornando-o vulnerável à comercialização irregular de recursos marinhos extraídos ilicitamente por embarcações estrangeiras. Nesse cenário, quais os possíveis impactos do predomínio estrangeiro sobre a atividade pesqueira ilegal na América Central?

Desde 2002, as corporações espanholas de pesca *Nueva Pescanova*, *Jealsa-Rianxeira* e *Calvo* praticam uma intensiva exploração dos mares, da costa e dos manguezais de El Salvador, Guatemala e Nicarágua. De acordo com o periódico *Climática* (2023), as três empresas controlam a extração e o processamento de peixes e mariscos na América Central, levando-as a liderar o *ranking* de faturamento da indústria de pescado e conservas na Espanha, em 2022. No caso da Guatemala, a presença e a predominância da *Jealsa-Rianxeira* resultou no deslocamento de pescadores industriais e artesanais que residiam em uma vila próxima à empresa, devido à diminuição da receita local provocada pela companhia. Assim, a superexploração dos estoques pesqueiros por grupos estrangeiros vulnerabiliza os países, pois a diminuição dos recursos aumenta a insegurança alimentar local e nacional, ameaçando comunidades e pressionando os governos a solucionarem potenciais crises.

Não obstante, a atividade pesqueira estrangeira também afeta a sustentabilidade dos recursos marinhos renováveis, pois contribui para a destruição de ecossistemas oceânicos e costeiros, que são fontes de renda e subsistência para as comunidades locais. No Golfo de Fonseca, na tríplice fronteira entre El Salvador, Honduras e Nicarágua, a pesca de lagostas foi identificada como responsável pela devastação de manguezais e de áreas costeiras próximas às instalações da *Nueva Pescanova*. Conforme apontam as comunidades que vivem da pesca artesanal na região, o despejo no mar de produtos químicos, águas sem tratamento, rejeitos alimentícios, dejetos e animais mortos seriam as causas da deterioração ambiental provocada pela multinacional espanhola.

Embora existam planos de ação regional para o combate à pesca INN, a atividade permanece como potencial ameaça à estabilidade do tecido econômico, político e social da América Central. Dessa forma, o desenvolvimento de uma abordagem eficaz para o rastreamento e contenção desse formato de pesca exige ações locais, regionais e internacionais que alinhem a capacidade regulatória, legislativa e de aplicação da lei na América Central. Ademais, Costa Rica, Nicarágua e Panamá são parte do Acordo sobre Medidas do Estado do Porto (PSMA, na sigla em inglês), a primeira resolução vinculativa internacional que visa eliminar a pesca INN, podendo liderar soluções regionais ao problema.



Seychelles: arquipélago afetado pela poluição marinha

Carolina Vasconcelos

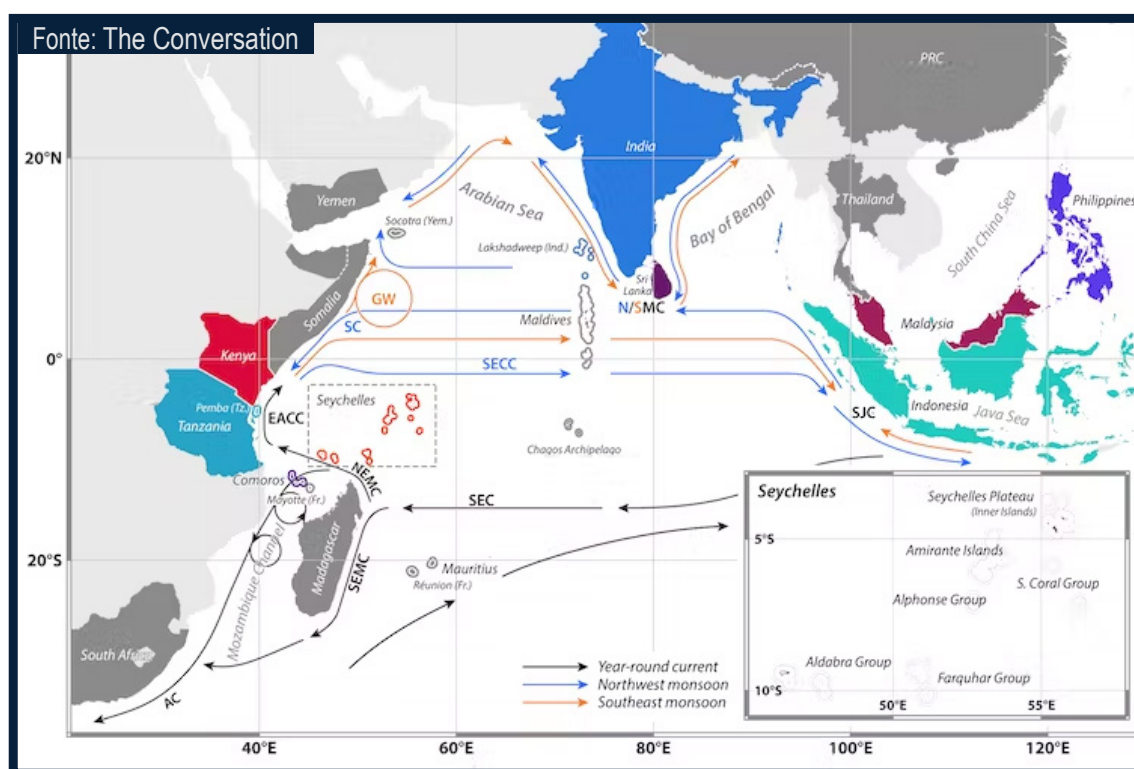
Seychelles, é um arquipélago composto de 155 ilhas na África Oriental, sendo um país cada vez mais afetado pela poluição marinha constituída principalmente por detritos plásticos gerados no exterior. Isso torna-se mais evidente com que ocorre no Atol de Aldabra, patrimônio mundial da UNESCO que, devido ao seu afastamento geográfico, possuía um ecossistema e biodiversidade marinhos protegidos, mas atualmente é afetado pelos impactos da poluição. Assim, questiona-se a origem e o trajeto de tais detritos que alcançam locais remotos do Oceano Índico, como em Aldabra.

Primeiramente, vale ressaltar que os plásticos que chegam a Aldabra não provêm do arquipélago e sim de países do entorno. De acordo com um estudo realizado pela Universidade de Oxford, juntamente com a plataforma *The Conversation*, a origem dos detritos plásticos presentes na costa de Seychelles são oriundos da Indonésia e de países banhados pelo oceano Índico, como Índia e Sri Lanka. A pesquisa modelou o fluxo dos detritos no oceano Índico entre os anos de 1993 e 2019, utilizando-se de dados de atividades pesqueiras e de geração de resíduos plásticos. Dessa maneira, simulou virtualmente centenas de bilhões de partículas entrando no oceano, levando em consideração fatores externos, tais como: ventos, ondas e correntes marítimas, seguindo intensos ciclos sazonais. Assim, fenômenos

como as monções influenciaram a chegada de detritos ao arquipélago, com o acúmulo de plásticos sendo atingido entre os meses de fevereiro e abril durante o período observado.

De acordo com o estudo, para chegar ao Atol de Aldabra, a partir do leste do oceano Índico, estima-se que os detritos plásticos devem estar, no mínimo, há seis meses à deriva, uma vez que itens com alta flutuabilidade podem chegar a distâncias maiores. Ao analisar fatores como a pesca e as correntes oceânicas, há indícios de que, aproximadamente, 3% dos detritos que se encontram a 10 km do Atol, chegam à costa de Aldabra diariamente.

Dessa maneira, estima-se que a indústria pesqueira é a maior responsável pelos plásticos em Aldabra, sendo causadora de 83% desses resíduos, visto o abandono da rede de cerco relacionada à atividade de pesca juntamente com o lixo do transporte marítimo, que transita próximo ao arquipélago. Assim, a realização de pesquisas e o desenvolvimento de estratégias para controlar os fluxos de resíduos são fundamentais para reduzir a presença de detritos que afetam Seychelles, juntamente com a aplicação de leis internacionais, tal como positivado na Convenção Internacional para a Prevenção da Poluição Causada por Navios (1983), que proíbe o descarte de plásticos no mar.



Por que o ESG na África é essencial à sustentabilidade do comércio marítimo?

Isadora Jacques

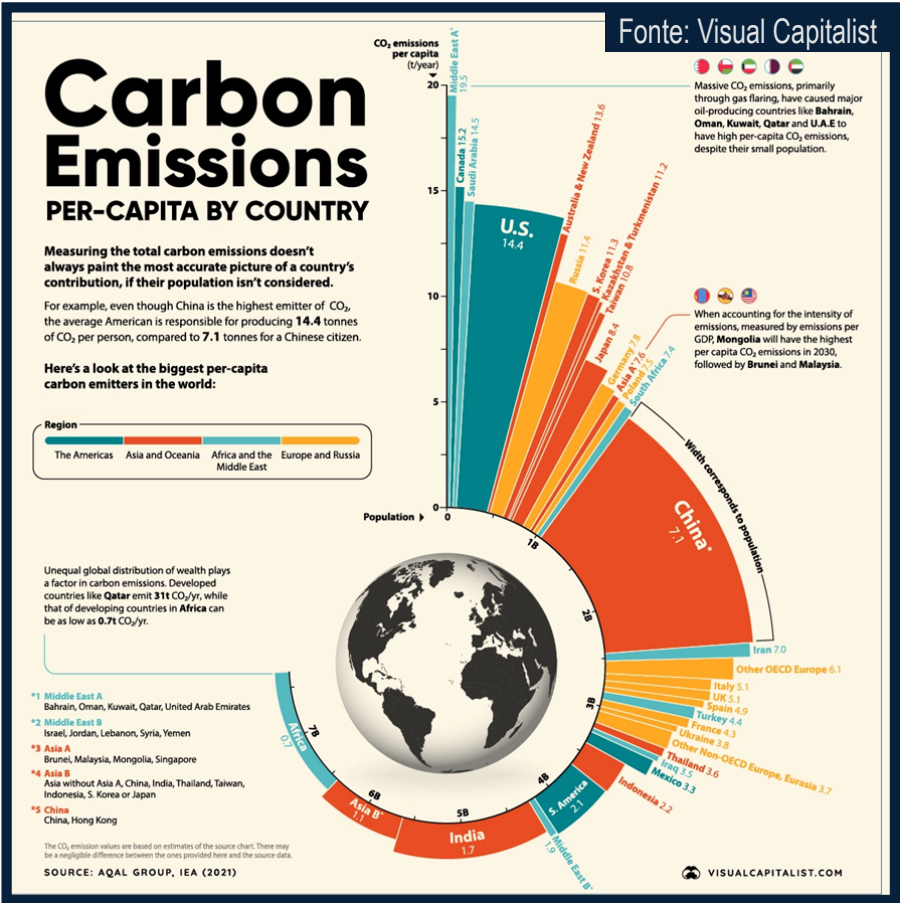
O continente africano está em pleno desenvolvimento e possui grandes ambições logísticas. Em fevereiro de 2023, o Senegal suspendeu restrições tributárias para que a *DP World*, operadora portuária estatal dos Emirados Árabes Unidos, construa no país um porto de águas profundas de cerca de US\$ 1,13 bilhão. Em dezembro de 2022, o Banco Europeu de Investimento (EIB, na sigla em inglês) ressaltou o potencial do continente africano de explorar o mercado de energia limpa, transformando a energia solar em hidrogênio verde para fortalecer a segurança energética, reduzir as emissões e a poluição, além de descarbonizar a indústria e o transporte. Questiona-se, portanto, como as preocupações ambientais do século XXI podem moldar as soluções no transporte marítimo e as operações portuárias na África.

Embora a África seja o último continente da lista em volume de emissões de CO₂, esse é o que mais sofre com os efeitos das mudanças climáticas, evidenciado pelos inúmeros desastres ambientais. Segundo estudos do EIB, o setor ainda inexplorado de hidrogênio verde equivale a US\$ 1 trilhão e, caso a África utilizasse os vastos recursos de energia solar para produzir 50 milhões de toneladas de hidrogênio verde por ano até 2035, o continente poderia se tornar um *player* global de energia limpa. Países como Marrocos, Nigéria e Quênia

desenvolvem planos de integrar o hidrogênio verde em suas estratégias energéticas.

O potencial para estratégias Ambientais, Sociais e de Governança (ESG, em inglês) na descarbonização da navegação foi discutido em um novo documento elaborado pelo *Maersk Mc-Kinney Moller Center for Zero Carbon Shipping* e pelo *Boston Consulting Group*, o *ESG Playbook* do Transporte Marítimo. A indústria voltada para o mar está atrasada em relação às iniciativas de sustentabilidade, quando a conformidade com a ESG pode impulsionar a descarbonização do setor. Ademais, auxiliaria as empresas de navegação a atenderem às crescentes demandas de investidores internacionais e clientes interessados no cumprimento das práticas ESG.

O potencial de desenvolvimento do comércio marítimo africano evoca a necessidade de fomentar a produção industrial e de suprir a demanda latente por empresas de navegação dedicadas a fornecer uma gama completa de serviços marítimos e logísticos no continente. Com o intuito de fortalecer a cadeia de suprimentos, receber investimentos e aproveitar as oportunidades emergentes e realizáveis no comércio africano e global, as estratégias ambientais de sustentabilidade do século XXI se mostram necessárias no transporte marítimo e nas operações portuárias na África.



Geopolítica da energia: Alemanha na corrida pelo lítio na América do Sul

Millene Santos

A dinâmica do comércio global de lítio, a gestão de sua cadeia de valor e o mercado de baterias de íon-lítio são indicadores-chave das atuais estratégias de desenvolvimento de diversos países no âmbito da energia. Com objetivo de diversificar sua matriz energética, considerando a centralidade desse mineral no processo de transição, a Alemanha tem buscado ampliar sua influência e se inserir na competição pelo lítio. Esse contexto é evidenciado com a viagem do Chanceler alemão, Olaf Scholz, à América do Sul no final de janeiro de 2023. Diante disso, de que forma essa visita apoia a consecução da estratégia da Alemanha em relação ao lítio?

A visita de Scholz é parte da estratégia alemã para tornar a Europa a principal receptora dessa *commodity*, atualmente direcionada à China para refino e manufatura. Ela acontece em um momento em que Berlim busca ampliar sua influência na região, reduzir o uso de carbono de seus transportes por meio do aumento do número de veículos elétricos — que exigem grandes quantidades —, além de conter o avanço da China sobre recursos estratégicos. Nesse contexto, a busca das potências econômicas globais pelo estabelecimento de uma cooperação com a tríade conhecida como “ABC do Lítio” (Argentina, Bolívia e Chile) ([Boletim 172](#))

é crescente, considerando a relevância estratégica da região no quesito energético.

Ao fim da viagem, foram celebrados um memorando de entendimento com a Argentina e um acordo de mineração com o Chile, ambos extremamente importantes em razão da possibilidade de atender à demanda de lítio de grandes empresas automobilísticas alemãs para a produção de baterias de automóveis elétricos. Para os países sul-americanos, isso significa acesso ao mercado consumidor alemão e a um dos maiores parceiros de investimentos e de fornecimento de tecnologia no mundo.

Os detalhes das negociações ainda serão divulgados, mas espera-se que estejam pautadas na mineração sustentável e que também facilitem a maior participação dos países fornecedores na cadeia produtiva. Vale ressaltar que, atualmente, grande parte do processamento do mineral exportado é realizado na China e não nos países de origem, limitando oportunidades de crescimento local.

Diante disso, percebe-se que esses encontros foram bem-sucedidos em seu objetivo principal de garantir suprimentos adicionais de lítio fornecidos por Argentina e Chile, poderiam fornecer para a Alemanha, bem como estreitar as relações entre o país europeu e atores da América do Sul.



A mudança no tabuleiro do Oriente Médio: o novo protagonismo do Catar

Vitória França

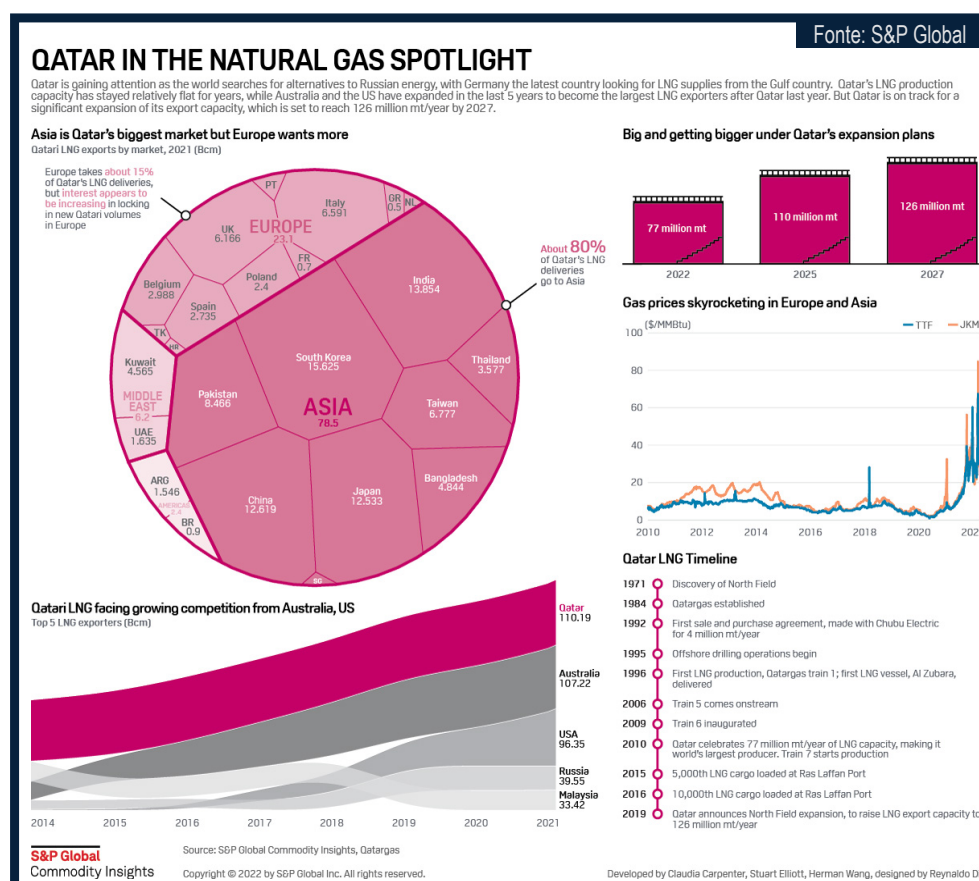
Desde a ruptura diplomática entre o Catar e o quarteto composto por Bahrein, Egito, Emirados Árabes Unidos e liderado pela Arábia Saudita ([Boletim 56](#)), Doha passa por tensões e bloqueios comerciais, terrestres, marítimos e aéreos. A partir da cisão entre os governos, a política externa catari acabou focando em situações mais amplas: regionalmente, Doha busca ser uma plataforma de diálogo e resolução de conflitos (principalmente nos países do Norte da África), já em âmbito global, o Emirado tem buscado ser uma opção para sanar a dependência de gás natural liquefeito (GNL) russo em outros países. Nesse contexto, como o Catar vem se tornando um protagonista regional?

Em 2018, após a cisão, o Catar deixou a OPEP e focou em se tornar líder no mercado de GNL. Historicamente, o preço desse produto era baseado no do petróleo, assim, sair da Organização deu ao Catar mais liberdade para precificar seu GNL. Com o início do conflito russo-ucraniano, a estatal de petróleo e gás *QatarEnergy* ganhou espaço no mercado energético: em novembro de 2022, em meio a Copa do Mundo, a empresa assinou com a China um contrato de 27 anos para o fornecimento de GNL — o mais longo da história — que exportará 4 milhões de toneladas/ano para o país asiático. Em paralelo, a empresa fechou um acordo com a gigante

estadunidense *ConocoPhillips* para fornecer à Alemanha cerca de 2 bilhões de m³ de GNL/ano. Já em janeiro de 2023, o Emirado se tornou participante da exploração na costa do Líbano ([Boletim 170](#)): a *QatarEnergy* terá 30% do empreendimento, enquanto a *TotalEnergies* e a *Eni* terão 35% cada.

Em âmbito regional, de fato, Doha está traçando um novo plano para manter e expandir sua influência no Norte da África. Sem o apoio de atores ideologicamente próximos no poder, o Emirado procura adaptar sua atuação à realidade política de cada país da região, especialmente pela implementação de acordos bilaterais com Líbia, Marrocos e Tunísia. Nesse último, o Catar é o segundo maior investidor nos setores imobiliário, de infraestrutura, finanças e petroquímico, além de atuar como mediador nas crises internas.

Em conclusão, com poucas indicações de que as partes da divisão estejam realmente reconsiderando seus laços, o Catar está compreensivelmente mais focado em desenvolvimentos mais amplos e melhores relações com seus vizinhos, o que pode impactar sua economia e segurança regional. Nesse sentido, o país que, por muito tempo foi um *player* solo, vem ganhando seu espaço e influência.



O Corredor de Transporte Trans-Caspian e a indústria de urânio no Cazaquistão

Pedro Martins

O conflito russo-ucraniano alterou profundamente a ordem geopolítica global, principalmente nas questões energéticas e logísticas. Dentro desse panorama, o presente texto tem como objetivo argumentar que o Cazaquistão se apresenta como uma solução para ambos os desafios — fornecedor energético e *hub* logístico alternativo — com vistas a realizar uma inserção mais autônoma no cenário internacional e diversificar sua economia para além dos hidrocarbonetos.

O Corredor de Transporte Internacional Trans-Caspiano (TITR, na sigla em inglês) é uma rota logística que liga o Cazaquistão à Europa passando pelos Mares Cáspio, Mediterrâneo e Negro, sendo composto por empresas do Azerbaijão, Cazaquistão, Geórgia e Turquia. Sua relevância é nacional e regional: em dezembro de 2022, a estatal cazaque *Kazatompron* anunciou a entrega de um carregamento de urânio bruto para o Canadá por meio do TITR. Nesse contexto, até a eclosão do conflito, a maior parte do comércio exterior cazaque cruzava o território russo ([Boletim 159](#)), de maneira que esta rota era vista apenas como uma alternativa logística. Com o conflito, passou a ser considerada essencial para a manutenção do escoamento do comércio exterior cazaque, uma vez que não atravessa o território russo.

Segundo os dados do portal *Trademap*, em 2021,

o país exportou um total de US\$ 60 bilhões, dos quais US\$ 34 bilhões eram de hidrocarbonetos. Estes dados ressaltam como o Cazaquistão é uma economia fortemente dependente da exportação desses recursos, ensejando a necessidade de diversificar o seu comércio exterior. Para fazê-lo e atender à crescente demanda global por novas fontes de energia, o país busca incentivar as exportações de urânio bruto. Segundo a *World Nuclear Association*, Astana — que detém 12% das reservas de urânio do mundo — foi responsável por cerca de 45% da produção mundial em 2021. Apesar disso, o setor não tem uma importância correspondente na pauta de exportação cazaque: as exportações de urânio atingiram a cifra de pouco mais de US\$ 1,7 bilhão em 2021, sendo os principais destinos o Canadá, a China e a Federação Russa.

Nesse sentido, pode-se perceber que o governo cazaque tem buscado se apresentar como alternativa tanto para o fornecimento de novas fontes de energia, quanto para a rota logística ao território russo. Ambas as medidas visam não apenas aumentar a inserção internacional do país, como também expandir a sua autonomia e diversificar a sua economia.



Japão e Filipinas: Estreitando Relações

João Pedro Grilo

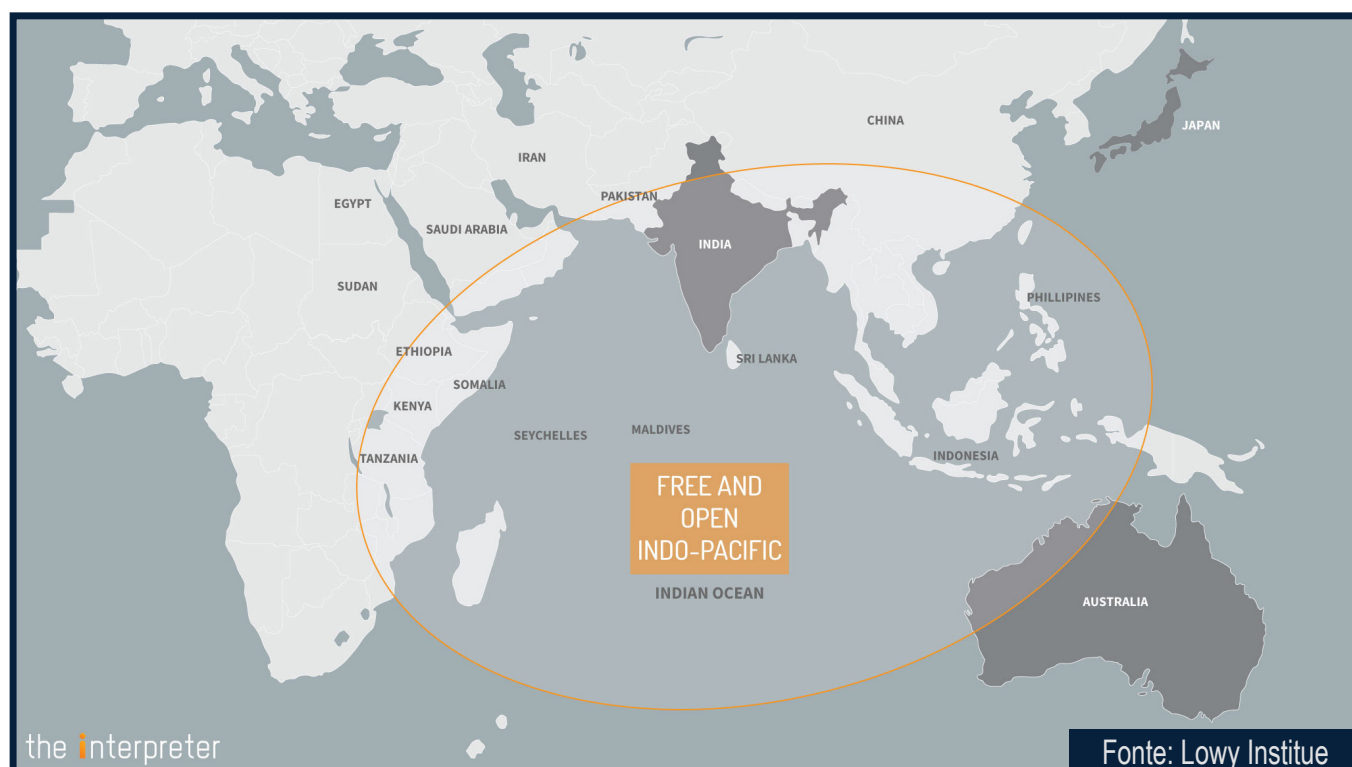
Japão e Filipinas possuem relações bastante próximas: até a década de 1940, esse país do Sudeste Asiático abrigou cerca de 75% da diáspora japonesa que vivia na região. Contudo, com a ocupação militar do território filipino por Tóquio durante a Segunda Guerra Mundial, tal relação foi estremecida, normalizando-se apenas em 1956, quando ambos assinaram o Tratado de São Francisco. Nesse acordo, além da retomada dos laços diplomáticos, houve também o estabelecimento de reparações financeiras às Filipinas que, a partir da década de 1960, transformou-se em *Official Development Aid* (ODA). Ademais, observa-se que na última década, essas relações têm se expandido para o âmbito militar. Frente a isso, o presente artigo busca compreender quais as motivações de Tóquio em estreitar a cooperação na agenda de segurança com as Filipinas.

A visita do Presidente filipino, Ferdinand Marcos Jr, a Tóquio entre os dias 06 e 12 de fevereiro deste ano destacou os esforços de ambas as partes em cooperar no aspecto militar. Foram firmados alguns acordos neste âmbito, dos quais destacam-se o envio das Forças de Autodefesa Japonesas a Manila para a realização de exercícios conjuntos de assistência humanitária; transferência de equipamentos e tecnologia militar para reforçar a capacidade da Guarda Costeira filipina;

instalação de sistemas de comunicação por satélite em navios de patrulha, além do desenvolvimento de uma base de apoio para esta Força na baía de Subic.

Essas ações almejam aumentar a interoperabilidade das Forças Armadas das duas nações, ao mesmo tempo em que seguem a Grande Estratégia internacional japonesa, formalizada como *Free and Open Indo Pacific*, que tem na diversificação e aprofundamento de relações bilaterais um instrumento central para garantir a livre navegação no Indo-Pacífico frente às ações chinesas. Como resultado, reforçam-se as expectativas referentes a escolha das Filipinas como o primeiro país a receber subsídios para o desenvolvimento de sua indústria militar como parte das novas estratégias do Japão na área da Defesa.

Portanto, considerando a importante localização geográfica das Filipinas, próxima de Taiwan e de importantes rotas comerciais, sua posição como uma grande democracia e seus laços históricos tanto com o Japão, quanto com os Estados Unidos; este país torna-se um aliado natural nos cálculos japoneses de equilíbrio de poder na região. Por fim, a recente posse do Presidente Ferdinand Marcos Jr, que marca o retorno de Manila ao eixo estadunidense, traz otimismo para o aprofundamento



No início de janeiro de 2023, cientistas da *Northwestern Polytechnical University* (NWPU), na China, anunciaram o desenvolvimento de um sistema de recarregamento de drones via *laser*, que permitiria mantê-los no ar por tempo indeterminado. A pesquisa traz consequências militares e geopolíticas importantes, principalmente considerando o contexto de projeção de poder chinês sobre seu entorno estratégico. Nesse sentido, questiona-se: quais as principais implicações estratégicas e tecnológicas desse novo sistema?

O sistema de recarregamento remoto funciona a partir de um feixe de luz de alta energia disparado de um drone equipado com um módulo capaz de converter energia luminosa em energia elétrica. Os drones exercem papel cada vez mais central na condução de operações de ataque ou de reconhecimento no contexto da guerra contemporânea e, atualmente, os de pequeno e médio portes possuem autonomia de cerca de 35 horas, precisando pousar para serem recarregados. Nesse contexto, a possibilidade de recarga em voo permite que as aeronaves remotamente pilotadas chinesas operem em distâncias maiores e proporciona um aumento significativo nas capacidades de vigilância da China em regiões do seu entorno estratégico, considerando o acirramento das disputas no Mar do Sul da China, na fronteira com a Índia, e, principalmente, no Estreito de

Taiwan.

Além disso, o desenvolvimento desse sistema representa um marco tecnológico importante para o país, especialmente no contexto das disputas com os Estados Unidos, que já opera um sistema semelhante de recarga remota de drones. A China, inclusive, acusa os estadunidenses de conduzir operações de espionagem contra a NWPU em 2022. Os avanços tecnológicos chineses vão de encontro com os pronunciamentos recentes do Presidente chinês, Xi Jinping, afirmando que o desenvolvimento desta área deve ser uma prioridade para assegurar o seu crescimento econômico e garantir que Pequim não seja “sufocada” por outras potências estrangeiras. Tais avanços também projetam o país como um ator importante no mercado global de tecnologias militares, junto aos EUA e a Rússia.

Portanto, ao desenvolver a capacidade de recarregar seus drones em voo, a China aumenta seus mecanismos de vigilância e permite operar em regiões mais distantes de seu território e de seu entorno estratégico. Ao mesmo tempo, Pequim demonstra o entendimento de que as iniciativas de Ciência, Tecnologia e Inovação são ferramentas vitais para a manutenção do crescimento econômico do país e a conquista dos seus objetivos estratégicos a longo prazo.

DOI 10.21544/2446-7014.n177.p13.

SUL DA ÁSIA

Ambições chinesas no Afeganistão: um vácuo a ser preenchido?

Filipe Porto e Gabriela Santos

O fim da ocupação estadunidense no Afeganistão e a consequente orientação da política de Defesa dos Estados Unidos para o Indo-Pacífico trouxe à tona a hipótese de um vácuo de poder a ser preenchido pela China. Nos últimos dois anos, Pequim intensificou seu engajamento com Cabul em negociações bilaterais e multilaterais e, mais recentemente, firmou um acordo de fornecimento de petróleo e gás com o Talibã. Reflexo de uma abordagem cooperativa e pragmática, o acordo evidencia a disposição chinesa em aproveitar oportunidades econômicas frente a um Talibã internacionalmente isolado. Posto isto, é pertinente questionar até que ponto esses empreendimentos são favoráveis aos interesses chineses e viáveis para preencherem o vácuo geopolítico deixado.

Em termos econômicos, os empreendimentos firmados não são tão significativos para a China quanto para o Afeganistão. O Talibã vê os investimentos chineses como uma forma de resgate da situação

econômica nacional, que teve muito da ajuda externa interrompida após a retirada das tropas estadunidenses em 2021. Contudo, as reservas de petróleo, gás natural e minérios não são suficientes para alavancar o país como um fornecedor de recursos e energia importante para a China – ficando de fora da lista dos quinze principais fornecedores globais de petróleo de Pequim.

Em termos estratégicos, segurança é o principal interesse chinês no Afeganistão. Embora a escala dos conflitos internos tenha diminuído após a saída dos EUA, a resistência de grupos extremistas ao Talibã se reflete na hostilidade à presença estrangeira no país. Pequim é alvo do Estado Islâmico Khorasan e do Partido Islâmico do Turquestão sob a justificativa da suposta opressão aos muçulmanos uigures na província de Xinjiang, na fronteira com o Afeganistão. Nesse sentido, as aproximações político-econômicas e os acordos firmados podem ser vistos como um meio útil de construir confiança para que o Talibã atenda aos receios

»

de segurança chineses, garantindo o estancamento do “spillover” das reivindicações uigures no território e a estabilidade de Xinjiang – questão prioritária de segurança nacional da China.

Por fim, o posicionamento chinês pode alavancar oportunidades para a exploração de recursos intrínsecos aos planos de transição de suas necessidades industriais,

mas os riscos de estabelecer acordos com o regime Talibã devem ser avaliados. As oportunidades do possível vácuo deixado para a China no Afeganistão trazem cautela, e o país tem usado apenas meios econômicos e diplomáticos para exercer sua influência e salvaguardar a estabilidade da região, evitando, assim, quaisquer soluções militares.

DOI 10.21544/2446-7014.n177.p13-14.

Investimento em tecnologia naval e o posicionamento indiano no Oceano Índico

lasmin Gabriele Nascimento

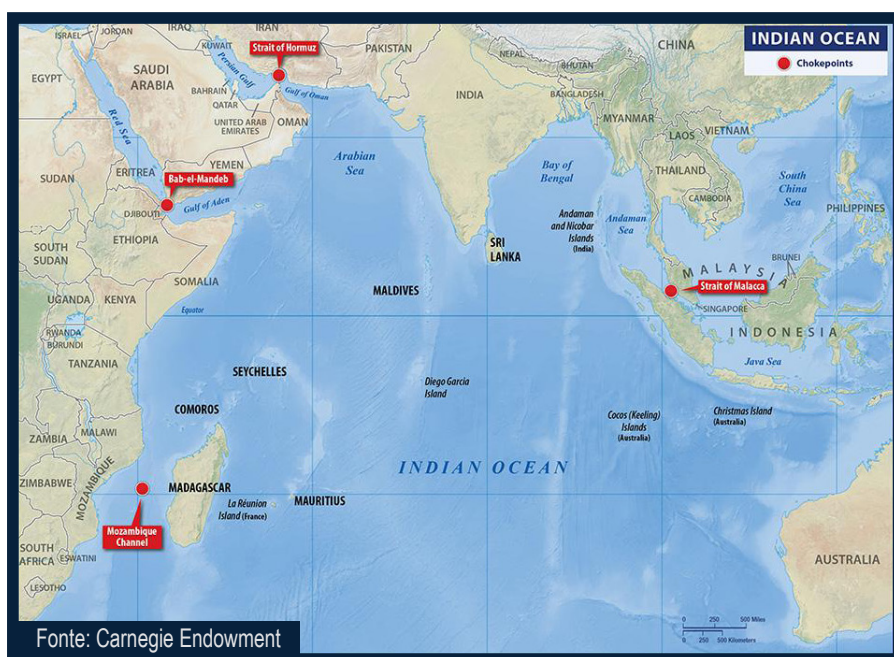
É fato que o Oceano Índico é peça fundamental para a geopolítica do Sul da Ásia. Embora a China esteja empenhando esforços de projeção de poder no local — seja através da Iniciativa Cinturão e Rota ou de outras estratégias ([Boletim 158](#) e [Boletim 169](#)) — a Índia também tem investido em poderio naval, a fim de consagrar-se como potência regional. Com esse foco, o país sul-asiático comissionou, na segunda metade de 2022, o *INS Vikrant*. Nesse contexto, cabe refletir sobre a estratégia naval indiana e seus desdobramentos para o equilíbrio de poder asiático.

Com custo de cerca de US\$ 2,5 bilhões, a previsão é de que o porta-aviões *INS Vikrant* esteja plenamente operacional até o fim de 2023. De acordo com um comunicado de imprensa da *Cochin Shipyard Limited*, subsidiária local da *GE Marine*, responsável pela construção do navio, a empresa oferecerá à Marinha indiana um pacote de soluções digitais, que tem por finalidade melhorar as capacidades das turbinas a gás do navio. Segundo a companhia, tal melhoria, possível a partir da utilização de tecnologia de ponta, irá proporcionar mais eficácia operacional e redução de riscos. Apesar desses aprimoramentos, cabe ressaltar que a entrega do *Vikrant* deveria ter sido realizada entre 2015

e 2016.

Para a Índia, é fundamental empenhar esforços em direção ao Oceano Índico para além das alianças estratégicas com Estados insulares ([Boletim 156](#)), caso queira de fato consolidar seu status de potência regional. Sua dependência de armamentos russos gera constantes receios, fato aprofundado com invasão à Ucrânia em 2022 e o estremecimento das relações entre Rússia, Estados Unidos e potências europeias, afetando a aquisição indiana de aparatos de Defesa. Assim, aprimorar seu poderio militar é de suma importância, fato que o país vem buscando solucionar: de acordo com o *The Military Balance* (2023), a Índia conta, atualmente, com o segundo maior orçamento de Defesa — cerca de US\$ 60 bilhões — e segundo maior contingente militar da Ásia, atrás apenas da China.

Fica claro, então, que, para Nova Déli, investir em sua Força Naval é imperativo, não apenas para reafirmar sua posição e conseguir de fato fazer frente aos avanços chineses no Oceano Índico, mas também para demonstrar autonomia no que diz respeito à sua dependência de tecnologias estrangeiras. Cabe agora acompanhar a movimentação do governo indiano com relação aos seus próximos passos estratégicos.



DOI 10.21544/2446-7014.n177.p14.

Ambições e desafios da *Royal Thai Navy*

Gabriela Veloso

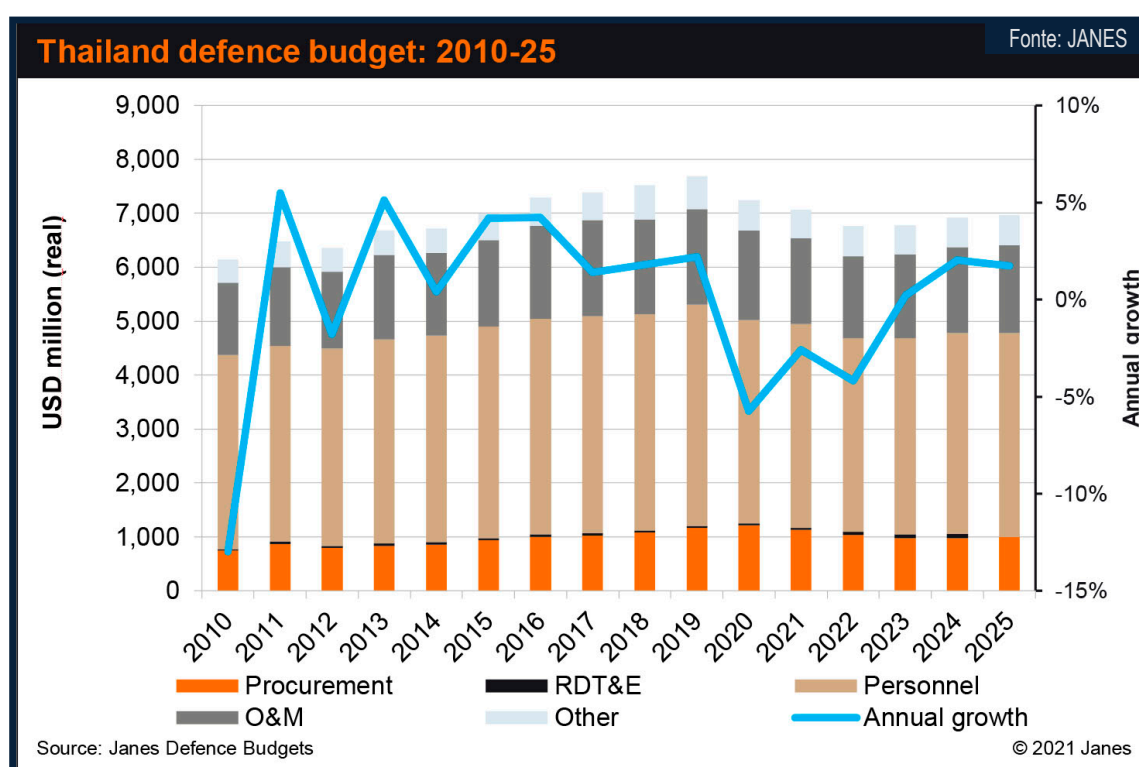
Em meio a contestações ao Governo e às mazelas deixadas pela pandemia, a Tailândia tem tentado seguir com seu plano de desenvolvimento nacional, sobretudo quanto à modernização de suas Forças Armadas. Em fevereiro de 2023, iniciou-se o exercício bianual de Defesa Nacional da *Royal Thai Navy* (RTN) em Chon Buri. Esta será a maior das edições já realizadas pelo país: dividida em duas fases, incluirá treinamentos terrestres e navais com operações fluviais, guerra na selva, eliminação de explosivos, mergulho e salvamento, busca e salvamento, patrulha marítima e aviação de reconhecimento; ainda, está previsto o lançamento de um míssil *Harpoon Block IC*. Para tanto, serão mobilizados 20 navios de guerra, quatro aviões, seis helicópteros, dois sistemas de veículos aéreos não-tripulados e 4.500 militares. Assim, dados os planos tailandeses quanto à Defesa, sobretudo para a Marinha, vale refletir sobre o que o incremento deste exercício parece indicar.

Pelo governo da Tailândia ser controlado por uma junta militar do Exército impacta no desenvolvimento da Estratégia de Defesa Nacional do país, tornando-a essencialmente mais continental do que marítima. Até certo ponto, a capacidade da RTN foi definida pela ausência de grandes ameaças externas, se estendendo apenas à defesa em águas regionais diante da pirataria e do contrabando de armas, drogas e pessoas — além das funções tradicionais de alívio de desastres, proteção

da pesca, apoio às operações das forças terrestres e manutenção das linhas marítimas de comunicação.

Desde 2015, a Marinha tailandesa vem buscando uma abordagem abrangente e focada na cooperação em segurança marítima, defesa coletiva e gerenciamento não tradicional de ameaças à segurança, propondo novos planos. Apesar das intenções, as ambições da Força ainda não são correspondidas por suas capacidades e, por isso, o país tem se esforçado para modificar essa realidade por meio de uma série de aquisições de Defesa. Nos últimos anos, houve a compra de helicópteros de ataque e reconhecimento *AH-6* da *Boeing*; de drones israelenses *Hermes 900* e de mísseis antiaéreos móveis de médio alcance *FK-3* chineses. Há também o projeto de construção de uma segunda fragata com transferência de tecnologia e aquisição de submarinos chineses.

A constância dos investimentos na RTN reflete a evolução do pensamento estratégico tailandês, especialmente por possuir Zona Econômica Exclusiva de 300 mil km² e área marítima que abarca o Mar de Andamão, o Golfo da Tailândia e parte do Estreito de Málaca, espaços de extrema relevância regional. Em meio às constantes disputas no Mar do Sul da China, e das modernizações que os países do entorno, como Índia e Indonésia, têm realizado, urge à Tailândia aprimorar suas capacidades navais.



Um ano de conflito russo ucraniano: novas ambições no Ártico

Jayanne Soares

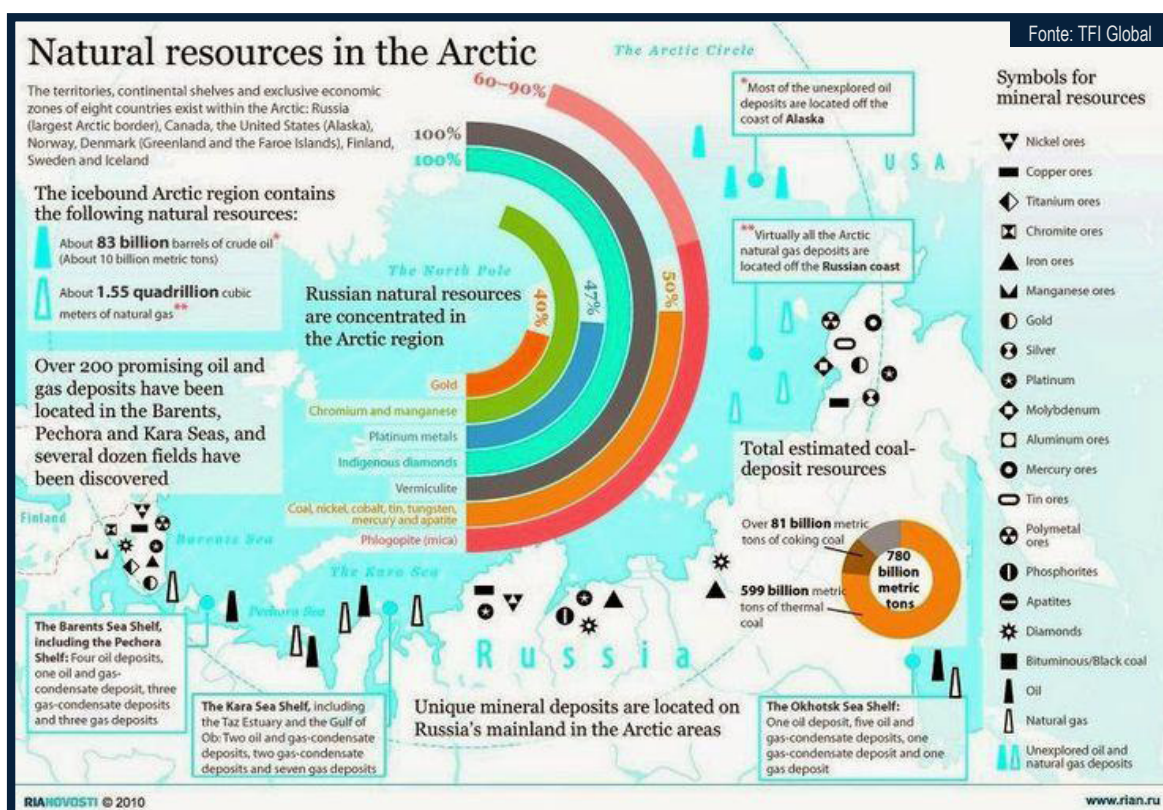
O ano de 2022 foi marcado pelo conflito da Ucrânia — que completou um ano em fevereiro — e suas consequências para a reformulação das relações entre os países. O Conselho do Ártico, instituição intergovernamental para a gestão de cooperação dos países árticos, interrompeu suas atividades temporariamente durante os embates. Nesse contexto, faz-se necessário pensar como a crescente tensão entre Rússia e o Ocidente se projetará no Ártico, compreendendo como essa região pode vir a ganhar destaque no cenário internacional nesse ano e quais são as expectativas para sua exploração.

Do ponto de vista energético, estima-se que haja cerca de 13% do petróleo e 30% do gás natural (GN) mundial embaixo das camadas de gelo do Ártico; 70% desse gás se encontra em território russo. Dentre os maiores destinos das exportações de combustíveis fósseis de Moscou estão os países europeus, que precisaram rever suas opções de fornecedores de gás natural após a invasão da Ucrânia pela Rússia. Todavia, o segundo maior fornecedor de GN para a Europa é a Noruega, que recentemente anunciou descobertas significativas no Mar norueguês e no Mar da Groenlândia que podem estimular o mercado de energia europeu. O governo norueguês, mesmo com ambições renováveis, deve

provavelmente ofertar quantidades recorde de petróleo e gás para empresas de energia nesse ano, tornando-se uma melhor opção para a Europa.

Do ponto de vista econômico, mesmo com suas preocupações ambientais, os países não planejam abrir mão de seus interesses no Ártico. A Suécia e a Noruega divulgaram que encontraram grandes depósitos de metais de terras-raras na Europa. O maior reside no solo do Norte sueco, somando-se à descoberta no leito oceânico norueguês. Os metais de terras-raras são considerados protagonistas na indústria de tecnologia, utilizados na fabricação de diversos eletrônicos — como veículos elétricos e turbinas eólicas — importantes para o desenvolvimento verde e tecnológico que o bloco europeu almeja. Nesse sentido, com a aprovação do Parlamento, Oslo pretende abrir áreas *offshore* à mineração desses metais.

Portanto, nota-se que a região do Ártico pode se tornar a solução para algumas dependências externas dos governos europeus. Considerando o fornecimento de matérias-primas como ferramenta geopolítica, é necessário que os governos busquem reduzir suas dependências. A guerra da Ucrânia redesenhou, aos países europeus, novas ambições e necessidades urgentes.



- ▶ [Great Power Competition Comes for the South Pole](#)
CSIS, Daniel F. Runde e Henry Ziemer
- ▶ [Will Russia's global influence continue to decline?](#)
KING'S COLLEGE LONDON, Tracey German e Natasha Kuhrt
- ▶ [Biden's Military-First Posture in the East Is a Problem](#)
THE ATLANTIC, Timothy McLaughlin
- ▶ [US Navy mulls adding info warfare specialists on more submarines](#)
DEFENSE NEWS, Colin Demarest
- ▶ [High Time for a High-Seas Treaty](#)
PROJECT SYNDICATE, Jennifer Morris

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Eduarda Parracho e Taynah Pires

MARÇO

Principais eventos de 01 a 15 de Março

01-02



ÍNDIA

REUNIÃO DOS MINISTROS
DAS RELAÇÕES
EXTERIORES DO G20

01-02



GRÉCIA

8ª CÚPULA DE
ENERGIA DOS BALCÃS

01-15



GHANA

FLINTLOCK 2023

04-16



NORUEGA

EXERCÍCIO MILITAR
JOINT VIKING 2023

04-18



CHINA

REUNIÃO ANUAL DO PODER
LEGISLATIVO E DO CORPO
CONSULTIVO POLÍTICO

05-09



CATAR

5ª CONFERÊNCIA DAS
NAÇÕES UNIDAS SOBRE
OS PAÍSES MENOS
DESENVOLVIDOS

06-30



PAÍSES BAIXOS

PROJETO CONJUNTO
OPTIC WINDMILL

08-10



COLÔMBIA

COLOMBIAMAR
2023

- **Novo acordo de livre comércio sino-uruguaio: implicações para a estabilidade regional**
[Tensión en el Mercosur: las Riesgosas Consecuencias que un Acuerdo entre Uruguay y China Podrían Generar en el Continente](#). *Nea Hoy*, 31 jan. 2023. Acesso em: 02 fev. 2023.
 ELLIS, Evan. [Uruguay-China Relations and their Free Trade Agreement](#). *Diálogo Chino*, 28 jul. 2022. Acesso em: 02 fev. 2023.
- **Entre o local e o multinacional: a atividade pesqueira ilegal na Centroamérica**
[IUU Fishing Crimes in Latin America and the Caribbean](#). *Center for Latin American and Latino Studies*, 30 ago. 2022. Acesso em: 23 fev. 2023.
 GONZÁLEZ, Erika. [Pesca en Centroamérica: empresas españolas y conflictos socioambientales](#). *Climática*, 08 fev. 2023. Acesso em: 23 fev. 2023.
- **Seychelles: arquipélago afetado pela poluição marinha**
 BURT, April; VOGT-VINCENT, Noam. [Seychelles is becoming overwhelmed by marine plastic – we now know where it comes from](#). *The Conversation*, 01 fev. 2023. Acesso em: 20 fev. 2023.
 VOGT-VINCENT, Noam S; et al. [Sources of marine debris for Seychelles and other remote islands in the western Indian Ocean](#). *Marine Pollution Bulletin*, v. 187, fev. 2023. Acesso em: 20 fev. 2023.
- **Por que o ESG na África é essencial à sustentabilidade do comércio marítimo?**
[European Investment Bank Sees Massive Green H2 Potential in Africa](#). *The Maritime Executive*, 26 dez. 2022. Acesso em: 23 fev. 2023.
 KINYUA, B.G. [Why ESG Matters for the Decarbonization of Shipping](#). *The Maritime Executive*, 12 fev. 2023. Acesso em: 23 fev. 2023.
- **Geopolítica da energia: Alemanha na corrida pelo lítio na América do Sul**
 DELFS, Arne; ATTWOOD, James. [Germany's Olaf Scholz visits South America in race with China for lithium](#). *The Japan Times*, 30 jan. 2023. Acesso em: 01 fev. 2023.
 RIO, Tobias Käufer. [O papel do lítio na viagem de Scholz à América do Sul](#). *DW*, 29 jan. 2023. Acesso em: 01 fev. 2023.
- **A mudança no tabuleiro do Oriente Médio: o novo protagonismo do Catar**
[Qatar signs deal to sell Germany natural gas](#). *Al-Monitor*, 29 nov. 2022. Acesso em: 24 fev. 2023.
 HARVEY-FENTON, Jonathan. [3 QUESTIONS - UAE-Qatar meeting and future of the GCC](#). *Anadolu Agency*, 15 dez. 2022. Acesso em: 20 fev. 2023.
- **O corredor de transporte Trans-Caspian e a indústria de urânio no Cazaquistão**
 SÁNCHEZ, Wilder Alejandro. [Kazakhstan's Uranium Industry and the Middle Corridor Come Together](#). *The Diplomat*, 30 jan. 2023. Acesso em: 24 fev. 2023.
[Uranium and Nuclear Power in Kazakhstan](#). *World Nuclear Association*, jun. 2022. Acesso em: 24 fev. 2023.
- **O novo salto tecnológico do programa de drones da China**
 TANG, Frank. [Xi Jinping says China must quicken pace of tech self-reliance to prevent being 'strangled by foreign countries'](#). *South China Morning Post*, 02 fev. 2023. Acesso em: 02 fev. 2023.
 TONG, Zhang. [Chinese scientists develop laser-powered drone to stay aloft 'forever'](#). *South China Morning Post*, 08 jan. 2023. Acesso em: 30 jan. 2023.
- **Japão e Filipinas: estreitando relações**
 HEYDARIAN, Richard Javad. [Bilateral defense deals between Tokyo and Manila could reshape Indo-Pacific security](#). *The Japan Times*, 17 fev. 2023. Acesso em: 20 fev. 2023.
 TSUDA, Y. A. [Notes on the 50th year of the Normalization of Japan-Philippine Relations and the Postwar Reparations Agreement \(1956-1986\)](#). *Kobe College Departmental Bulletin Paper*, set. 2006. Acesso em: 20 fev. 2023.
- **Ambições chinesas no Afeganistão: um vácuo a ser preenchido?**
 HOSKINS, Peter. [Taliban and China firm agree Afghanistan oil extraction deal](#). *BBC News*, 6 jan. 2023. Acesso em 14 jan. 2023.
 NIU, Haibin; HUANG, Yuehan. [China's Alternative Prudent Approach in Afghanistan](#). *Global Policy*, v. 13, p. 132 – 137, 11 mar. 2022. Acesso em 19 jan. 2023.
- **Investimento em tecnologia naval e o posicionamento indiano no Oceano Índico**
[Marinha Indiana Comissiona o Porta-Aviões INS 'Vikrant'](#). *Poder Naval*, 2 set. 2022. Acesso em: 25 fev. 2023.
[GE to Provide Digital Solutions For Indian Navy's New Aircraft Carrier Vikrant's Gas Turbines](#). *Naval News*, 13 fev. 2023. Acesso em: 20 fev. 2023.
- **Ambições e desafios da Royal Thai Navy**
 SAPERSTEIN, Hadrien. [Modernising the Royal Thai Navy](#). *East Asia Forum*, 17 out. 2020. Acesso em: 20 fev. 2023.
 NANUAM, Wassana. [Navy starts major defence exercise](#). *Bangkok Post*, 11 fev. 2023. Acesso em: 20 fev. 2023.
- **Um ano do conflito russo-ucraniano: novas ambições no Ártico**
 KEATING, Joshua. LEVITAN, Dave. PIKE, Lili. [Is an Arctic 'Cold War' coming? How climate change and the war in Ukraine are driving tensions](#). *GRID*, 9 fev. 2023. Acesso em: 20 fev. 2023.
 PETREQUIN, Samuel. [China note! EU-member Sweden locates rare earth deposits](#). *Associated Press*, 12 jan. 2023. Acesso em: 20 fev. 2023.

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da

escalada de tensões. Após a seleção dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica. Como também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco.

Por: Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- AFGANISTÃO - Crise estrutural: [Taliban raid kills 2 IS; embassy in Tehran changes control](#). **ABC News**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [UN court orders Azerbaijan to end Nagorno-Karabakh roadblock](#). **Al Jazeera**, 22 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- BELARUS - Tensão regional: [Russian plane destroyed near Minsk airfield: Belarus opposition](#). **Al Jazeera**, 27 fev. 2023. Acesso: 27 fev. 2023.
- BURKINA FASO - Instabilidade sociopolítica: [More than 70 soldiers killed in Burkina Faso, extremists say](#). **Associated Press**, 25 fev. 2023. Acesso em: 26 fev. 2023.
- HAITI - Crise estrutural e instabilidade política: [In heart of Haiti's gang war, one hospital stands its ground](#). **Associated Press**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- IÊMEN - Crise humanitária: [UN seeks \\$4.3bn in aid for war-torn Yemen](#). **Al Jazeera**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Will Lebanon be classified as failed state?](#). **LBC International**, 26 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- MALI - Conflitos internos e tensões regionais: [Junta leader Assimi Goïta forced to postpone Mali's constitutional referendum](#). **Africa Intelligence**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- MIANMAR - Golpe militar: [Myanmar military expands martial law as crackdown continues](#). **Nikkei Asia**, 24 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- PERU - Crise sociopolítica: [Perú Policía reprime manifestación en reclamo de justicia por los asesinatos en las protestas](#). **Nodal**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [On Ukraine front, civilians cling on as troops repel Russia](#). **AP News**, 26 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- SÍRIA - Insegurança regional: [The earthquake that rocked Syria devastated millions already ravaged by war. Their dictator Bashar al-Assad saw an opportunity](#). **ABC News**, 25 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Three dead after African peacekeeping mission helicopter crashes in Somalia](#). **Reuters**, 26 fev. 2023. Acesso em: 26 fev. 2023.

► MÉDIO RISCO:

- COREIA DO NORTE - Teste de mísseis: [North Korea fires strategic cruise missiles as U.S. and South Korea hold nuclear attack drill](#). **The Japan Times**, 24 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- ETIÓPIA - Conflitos internos: [Tigray leaders prepare to negotiate power sharing with federal gov't](#). **The Reporter Ethiopia**, 25 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- IRÃ - Crise estrutural e regional: [Iran's currency hits new low amid anti-government protests](#). **Associated Press**, 26 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- ISRAEL - Instabilidade política e regional: [Israel beefs up troops after unprecedented settler rampage](#). **Associated Press**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Cabo Delgado: Kigali intensifica o seu esforço de guerra](#). **Africa Intelligence**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Pakistan Faces the Abyss Again. Debate Rages on Who Should Pay](#). **Bloomberg**, 22 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Tensões regionais: [U.N. humanitarian flights suspended in Congo's North-Kivu and Ituri provinces, WFP says](#). **Reuters**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- SRI LANKA - Crise estrutural: [Sri Lanka Police Fires Tear Gas at Election Protest; 15 Injured](#). **VOA News**, 26 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- VENEZUELA - Crise estrutural: [Venezuelan Migrants Remain Easy Prey for Organized Crime](#). **Insight Crime**, 24 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.

► EM MONITORAMENTO:

- ÁFRICA DO SUL - Crise energética: [South Africa: The latest developments in Just Energy Transition](#). **ZAWYA**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- COLÔMBIA/PANAMÁ - Crise migratória: [Un autobus con migrantes que cruzaron el Darién se incendia en Panamá](#). **Swissinfo**, 25 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [El Salvador begins transfers to 'mega prison' amid gang crackdown](#). **Reuters**, 25 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [La CONAIE responsabiliza al gobierno por el asesinato de su dirigente Eduardo Mendúa](#). **Nodal**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- EUROPA - Tensões com a Rússia e crise energética: [EU approves 10th package of sanctions on Russia over Ukraine war](#). **Al Jazeera**, 25 fev. 2023. Acesso: 27 fev. 2023.
- HIMALAIAS - Crise Hídrica: [Leakage in pipe triggers water crisis, Gurgaon residents turn to tankers](#). **The Times of India**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- LÍBIA - Crise estrutural: [22 Syrian migrants on hunger strike in Libyan prison](#). **The Libya Update**, 26 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Philippines Eyes South China Sea Patrols With US, Australia](#). **The Diplomat**, 23 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- NICARÁGUA - Crise política: [Colombia pide a Corte de La Haya actuar sobre Nicaragua](#). **Associated Press News**, 23 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.
- NIGÉRIA - Conflitos internos: [Eleições na Nigéria: Atrasos e acusações de fraude](#). **DW**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.

- REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Crise estrutural: [La ONU pide apoyo para las elecciones locales de RCA, las primeras desde 1988](#). **Swissinfo**, 22 fev. 2023. Acesso em: 26 fev. 2023.
- SUDÃO - Crise política: [Rights defenders welcome decision to scrap security powers](#). **Sudan Tribune**, 26 fev. 2023. Acesso em: 26 fev. 2023.
- TAIWAN - Embate China-EUA: [Taiwan's top representative to US visits Kentucky, Virginia](#). **Taiwan News**, 27 fev. 2023. Acesso em: 27 fev. 2023.